

Fatiar o salame e as reformas

JORNAL DO BRASIL

Anunciado e aguardado para fazer o papel de opositorista, Fernando Henrique Cardoso entrou em cena por uma terceira via particularíssima: aproveitou uma aula magna, na abertura de um curso de mestrado, para produzir ciência política no varejo e anunciou ampla pesquisa histórica das atribuições dignas de um ex-presidente. E mandou um buquê de conselhos a Lula, às voltas com duas reformas.

Fernando Henrique é um ex-presidente à procura de ocupação à altura da sua especialidade e, por falta de oportunidade eleitoral, ocupa-se de matéria correlata (qual seja, o governo alheio). Para começar, remeteu à classe média uma breve confissão de pequenas culpas para lavar a testada. Reconhece que, no seu governo, “fez coisas” contra a própria vontade mas não atentou contra sua consciência.

Esta terá sido a vez em que o ex-presidente chegou mais perto da rendição política que uma faixa seletiva do seu erodido eleitorado da classe média esperou em vão. Ficou suspeito de converter-se a uma ordem de argumentos à que poderia resistir para valorizar-se. Era perfeitamente dispensável mostrar tanta satisfação por tão pouco. Nem



WILSON FIGUEIREDO

JORNALISTA

simulou constrangimento. Enquanto foi possível acreditar que Fernando Henrique cedia taticamente ao tratamento neoliberal, os eleitores calaram a discordância. Mas com a reeleição veio a verificação de que o presidente se tornara um crente da economia de mercado e, como todo convertido recente, irritava-se com facilidade, perdia a paciência. E alegou que o Brasil é que estava mudando.

Em Londres, depois de estar com Tony Blair, Lula fez ligeira referência à questão. Mais nada. Citado por botar fé no que fez por contingência, Fernando Henrique reconheceu agora que realmente “fez coisas” contra a própria vontade mas nada que pese na sua consciência. Por sua vez, no que lhe diz respeito, Lula adiantou-se aos seus críticos – dentro e fora do PT – no capítulo das concessões econômicas em desacordo com a sua biografia. Plantou a semente de uma explicação para desabrochar

quando houver necessidade, quem sabe na reeleição. Lula também está devendo explicação aos seus, mas deixou subentendido que a sua especialidade não é exatamente essa. Nada é definitivo. Ainda pode mudar. O bom entendedor sabe que o material histórico virá a seu tempo.

O tempo, aliás, dirá a última palavra nos dois casos. Fernando Henrique fez a ressalva de que a consciência não o acusa de nada grave mas, mesmo assim, sofre com o que dizem dele. Até quando a imagem neoliberal o acompanhará? Quanto de prejuízo equivalente sobrar para Lula? Fernando Henrique foi um caso de consciência, Lula um caso de alteração de programa durante o espetáculo. Enquanto isso, o ex-presidente pesquisa atribuições que isentem os da sua categoria da suspeita que acompanha os vices-presidentes pelo resto da vida. As duas especializações têm a mesma desconfiança em comum mas, se a vice-presidência pode ser abolida por supérflua, a outra tem maldição. Ninguém deixa de ser ex-presidente enquanto viver e, depois de morto, pode ser pior.

Lula tem tempo para recompor a imagem histórica. Pode acolher com simpatia as recomendações do seu antecessor para não enfrentar todos

os interesses de uma vez, mas conforme o preceito de Joseph Stalin (sem citar o autor da frase, claro), para quem a técnica de comer o salame recomenda fatiá-lo. De uma só vez é indigesto. Aliás, Lula já fatiou as reformas. Esse Fernando Henrique desintoxicado de poder lembrou que, ao contrário do cidadão comum (que paga impostos), o governante passa por dois momentos de solidão: ao chegar e ao sair. Na primeira, cercado de áulicos, sente menos. Na segunda, deprime-se. Mas não diz qual a pior. Dadas as circunstâncias e pensando institucionalmente, o ex-presidente afirma que, não sendo ciência, está mais para arte de lidar com humanos. Propõe-se a selecionar o que se ajuste a ex governantes, sem prejuízo histórico do que fez antes. Um novo estilo de vida que não se pareça com aposentadoria, desemprego ou subemprego. Uma vacina contra as contaminações da ociosidade política.

Fernando Henrique vale por uma usina capaz de abastecer de bons conselhos o mercado político. Com sabedoria mineira, desaconselha o estilo de dar murros na mesa, cujo efeito é machucar a mão. Podia ter citado que, na sucessão presidencial de 1955, Juarez Távora aplicou em vão murros na mesa. Os votos correram para JK.